

APRESENTAÇÃO

Quatorze trabalhos analíticos e uma entrevista, reunidos pela aderência ao tema *Literatura, violência e autoritarismo: enfrentamentos* (2018), compõem o vigésimo volume da revista *Abril*. Os textos condensam resultados obtidos em pesquisas desenvolvidas nos últimos anos, por pesquisadores que se encontram em diferentes momentos da carreira acadêmica e em diferentes instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do exterior. Doutores, pesquisadores experientes, recém-doutores, doutorandos e uma mestranda oferecem tratamento crítico-teórico a um conjunto de questões, com o objetivo de contribuir para a formulação de argumentos, ainda que provisórios, acerca das relações entre a política e o objeto literário, particularmente em contextos formados a partir da experiência colonial portuguesa e das práticas autoritárias em Portugal e nas ex-colônias africanas. O volume está centrado, portanto, na análise de diferentes formas de expressão da violência que derivaram, direta ou indiretamente, desses contextos.

Uma visada panorâmica desta edição da revista *Abril* revela, de saída, o reconhecimento de gestos de enfrentamento, objetivados no interior do vasto universo cultural da língua portuguesa. Ao ordená-los, seria possível identificar demarcadores que evidenciassem limiares territoriais e acompanhar a travessia das análises por espaços portugueses, angolanos, moçambicanos, brasileiros, até chegarem a Macau, na China. Também seria possível ordenar, na linearidade de uma perspectiva cronológica, os desafios políticos e os impasses coloniais tal como emergiram no século XIX e no início do século XX, até a formação de um legado objetivo que, em todos esses espaços, delinea muitas experiências do contemporâneo.

De um modo ou de outro, o esforço de desenhar a lógica de seleção e ordenamento das contribuições aqui apresentadas guardaria provavelmente uma significativa margem de imprecisão; seja pelo fato de os problemas aqui enfrentados se configurarem a partir de temporalidades muito heterogêneas ou simplesmente pelo fato de as questões de maior relevo estarem aqui projetadas para-além dos limites dos estados nacionais.

Dito de modo mais claro, a violência exercida pelo Estado Novo português não se limitou às fronteiras portuguesas e nem tampouco se limitou ao período em que Salazar esteve no poder. A vivência do enfrentamento deixou marcas evidentes na produção de poetas e romancistas que, mesmo nos anos posteriores, já com o país livre, reivindicaram a responsabilidade de problematizar as demarcações ideológicas e de pôr em prática uma política da memória dos tempos de exceção. Se memória e esquecimento são termos indissociáveis, os trabalhos ora disponíveis para a leitura evidenciam pelo menos uma questão de fundo: as recorrentes práticas de narração referencial, que conduzem as análises à luz de enfrentamentos assumidos no interior do campo artístico.

Afinal, todos os textos apontam para algo que incide no trabalho com a linguagem. É nela que parece ressoar o mal inerente aos processos de controle e supressão de liberdades individuais, ativados tanto em Portugal quanto em suas ex-colônias.

A partir de objetos literários e métodos inovadores de análise, os trabalhos aqui reunidos procuram delimitar rastros e restos de uma história de repressão, que atingiu inúmeras sociedades e segmentos sociais, dispersos em diferentes países. A partir de procedimentos interdisciplinares de pesquisa, a exposição do literário à história, à política e à cultura permite uma sólida interrogação acerca de sentidos presentes, ainda hoje, nas tramas complexas de um passado recente.

De início, o leitor encontrará três artigos basilares, que de forma ampla situam parte importante do colonialismo português – seus aspectos ideológicos – e da resistência a ele. Em “*O singular enfrentamento à ideologia colonial da Coleção ‘Autores Ultramarinos’ da Casa dos Estudantes do Império*”, a pesquisadora Inocência Mata (U. Lisboa/U. Macau) examina meticulosamente as estreitas relações entre as diretrizes editoriais da coleção produzida pela C.E.I e as políticas coloniais. O trabalho busca reconstituir e analisar estratégias de barragem à produção de subalternidades nas identidades africanas. No artigo “*Pretos e brancos: Brito Camacho e o olhar antropológico da literatura colonial*”, a pesquisadora Sandra Sousa (University of Central Florida) identifica a imbricação entre uma produção literária colonial e o campo dos estudos antropológicos, tal como eram praticados na primeira metade do século XX. No artigo “*Violência e interpretação, leituras da história de Macau*”, o pesquisador Mário César Lugarinho (USP) articula duas narrativas – uma produzida na década de 1940 e a outra em 2015 – e, ao mesmo tempo, desarquiva o assassinato de um governador português em Macau em meados do século XIX para evidenciar o conflito entre culturas numa disputa pela memória do território.

Nas páginas seguintes, o leitor encontrará o estudo “*Autoritarismo e violência nas literaturas de língua portuguesa: Graciliano Ramos, Branquinho da Fonseca e Luís Bernardo Honwana*”, da professora Kelli Cristina Pacheco (UEPG), que reflete acerca da violência presente em três narra-

tivas produzidas entre as décadas de 1930 e de 1950 por três escritores: um brasileiro, um moçambicano e um português. No artigo “*Sena, Sophia, Magalhães: sobre a poesia portuguesa antes e depois da revolução de 74*”, elaborado pela doutoranda Paloma Roriz (UFF), o foco se volta para três poetas portugueses e seus projetos estéticos e ideológicos: Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner e Joaquim Manuel Magalhães são lidos a partir da articulação crítica entre história, ética e poesia.

O artigo “*O mar, a nau, a batalha: as sobrevivências das formas na antologia da memória poética da Guerra Colonial*”, de Lisa Carvalho Vasconcelos, que desenvolveu estágio pós-doutoral na UFBA, retoma as discussões identitárias que emergem na cultura literária portuguesa, não-raro a partir de referências permanentes como o mar, a conquista, a saudade e a destruição. Em “*Quando a violência colonial ecoa nas folhas da floresta e nas páginas literárias: Mayombe, de Pepetela*”, Adriana Aguiar (UFAM) se detém nas formas de representação da natureza presentes no romance *Mayombe*, do escritor angolano Pepetela. Escrito ainda sob a vigência do regime colonial e só posteriormente publicado, o romance trabalha a floresta como espaço insular, distante do espaço colonial, definido pela presença dos *tugas*, soldados a serviço do regime português. O artigo “*A linguagem fantástica em “Coisas” – a rebelião necessária*”, da pesquisadora Ana Márcia Alves Siqueira (UFC), propõe a análise de artifícios estéticos presentes no conto “*Coisas*”, de José Saramago, a partir da utilização de uma linguagem que privilegia o insólito e o absurdo para registrar a vigência de métodos característicos da ditadura salazarista, materializados no embrutecimento da sociedade de consumo.

No artigo “*Sob e sobre o autoritarismo do silêncio: marcas da narrativa portuguesa no pós-1974*”, Gislene Teixeira Coelho (IF Sudoeste MG) analisa o romance *Exortação aos crocodilos*, de António Lobo Antunes, e recupera as quatro figuras femininas que estruturam a narrativa para colocar em tensão estas quatro vozes, que parecem emergir de corpos confinados em suas próprias percepções. Este lugar do corpo encarcerado é retomado no artigo “*Os Papéis da prisão, de Luandino Vieira: entre a escrita de si e o testemunho da barbárie*”, do professor Daniel Marinho Laks (UFS-Car). O estudo propõe uma análise de alguns registros feitos pelo escritor angolano durante a sua longa detenção no Campo do Tarrafal e procura identificar uma escrita de testemunho que, nos *Papéis*, atua na consolidação simultânea da memória individual e das memórias públicas do período. Em “*O fio da memória na ficção de Francisco José Viegas*”, Adenize Aparecida Franco (UNICENTRO) analisa configurações e reconfigurações identitárias no contexto pós-colonial africano de língua portuguesa e no contexto português pós-74. O artigo “*De Luanda para Lisboa: O retorno, de Dulce Maria Cardoso, e os restos do império*”, do doutorando Luca Fazini (PUC-Rio), propõe um tratamento do romance no título referido, de modo a interrogar a permanência de restos do império nos escombros da experiência contemporânea. Finalmente, o artigo “*A criança como outroridade:*

jogo ficcional e poética da temporalidade em Alfredo Garcia e Ondjaki”, da pesquisadora Tânia Sarmento Pantoja (UFPA) apresenta a análise comparativa das duas narrativas em que protagonistas-narradores oferecem a perspectiva da infância.

Como já foi destacado, estes estudos temáticos reunidos são complementados pela entrevista – conduzida por Bruno Mazolini de Barros e Samla Borges Canilha, pós-graduandos da PUCRS – à escritora portuguesa Mafalda Ivo Cruz, aqui publicada sob o título “*Literatura, violência e fúria plástica*”.

Diante de tão instigante sumário e de colaborações tão vivas e necessárias, resta aos organizadores deste volume apenas duas providências: em primeiro lugar, agradecer ao NEPA (Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana), da Universidade Federal Fluminense, por proporcionar todas as condições necessárias para a bem sucedida organização deste volume. Em segundo lugar, apresentar os votos de que as leitoras e os leitores possam ter uma experiência produtiva junto com este vigésimo volume da revista *Abril*, que comemora seus dez anos de existência.

Estamos convencidos de que o pensamento crítico é um campo de atuação inseparável das lutas políticas. Com esta certeza é que selecionamos este conjunto de textos, que trazem focalizações inovadoras e singulares, mas assentadas numa mesma base: a percepção de uma confiança irredutível nos processos histórico-sociais, confiança que só se pode renovar na dinâmica das vidas comuns. Porque é daí, do horizonte das experiências imediatas e possíveis, que emergem os objetos artísticos, culturais e os textos literários aqui reunidos.

Neste momento, em que o gesto narrativo se confunde com a prática da resistência, a publicação do volume *Literatura, violência e autoritarismo: enfrentamentos* (2018) pela revista *Abril* só pode estar revestida da maior importância, contribuindo para a discussão de temas ainda presentes em nosso imaginário cultural, temas esses que solicitam, sempre, a sua permanente problematização.

Alexandre Montauray Baptista Coutinho
Silvio Renato Jorge
(Organizadores)